UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS-UNISINOS

UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

FRANCIELE DE MENEGHI MARQUES

CASA AMARELA - um espaço compartilhado entre "pessoas grandes, crianças pequenas e crianças grandes e... não tem bebê!"

FRANCIELE DE MENEGHI MARQUES

CASA AMARELA - um espaço compartilhado entre

“pessoas grandes, crianças pequenas e crianças grandes e... não tem bebê!”

Relato de Experiência apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.ª Me. Queila Almeida Vasconcelos

São Leopoldo

2018

CASA AMARELA - um espaço compartilhado entre

“pessoas grandes, crianças pequenas e crianças grandes e... não tem bebê!” (Augusto, 3a e 6m)

Imagem do acervo pessoal da Giulia Rodrigues
Desenho de Gabriela, 5a e 6m.

Para narrar essa experiência profissional no espaço da Casa Amarela, é preciso contar um pouco das memórias, dos cheiros e sabores da minha infância. Isso porque também tive outra casa que era o meu segundo lar, um espaço acolhedor, brincante e cheio de amor. A minha “casa amarela” foi a casa da minha avó, a qual me cuidou desde que eu era pequena, sendo a melhor companheira de histórias, de aventuras e de passeios, a amiga ao brincar de bonecas e minha inspiração na cozinha. Foram esses momentos de misturas, aromas e gostos que adoçaram a nossa relação. Com seis anos de idade, conheci a escola. Lembro-me de ser acolhida por uma professora de olhos azuis e cabelos loiros enrolados, logo estabelecemos vínculo e confiança. Ao seu lado, vivenciei as situações que se transformaram em minhas melhores memórias do espaço educativo. Posso dizer que a minha avó e a minha primeira professora foram os maiores exemplos de educadoras, que me ensinaram desde pequenina que a infância demanda cuidar e ensinar com o coração. Paulo Freire (2015) já dizia que “mais do que ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros” (p.20), presença que transforma, compara, questiona, cria e compartilha através das relações, preferências, gostos e desejos de uma experiência de vida.

Penso que essa postura de respeito dessas adultas que me acolheram, o tempo, o espaço e o modo de viver a escola como extensão da casa despertou-me o desejo de ser professora, de querer estudar, dialogar e refletir sobre a educação. Tive a sorte de, durante a infância, ter esse tempo de brincar, imaginar, tocar, experimentar ser e estar feliz no mundo, essas vivências e motivações que carrego vem ao encontro de Rosset (2017), quando aponta que a Educação Infantil “tem nas mãos a responsabilidade de contribuir para a construção dos diferentes “eus”, ajudando a criança a opinar de acordo com as suas preferências, identificar os próprios limites, conhecer as raízes, a cultura e as histórias de sua vida” (p. 25).

Acredito que o fato de pensar nas experiências e nas indagações que remetem a vida cotidiana dos pequenos na escola, levou-me à escrita do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia[1], quando ao refletir sobre a ideia de um currículo narrativo que na sua totalidade percebe sentido à vida e às aprendizagens. Refletindo sobre o currículo para primeira infância, Bruner (2001) destaca que a aprendizagem ocorre nos espaços em que os indivíduos se ajudam mutuamente, em um processo cultural e interativo, por isso "a escola é um dos primeiros contatos da vida fora da família, portanto essencial na formação de identidade e papéis sociais" (p.41). Desde então, o desejo em constituir diariamente a jornada escolar em um espaço respeitoso, prazeroso, tranquilo e com acalento guiam a minha prática e os meus saberes pedagógicos. Em 2017, buscando aprofundar os estudos na minha área de atuação, iniciei o curso de Especialização em Educação Infantil[2], para aperfeiçoar e aguçar o meu olhar, a escuta, observação e interpretação da vida cotidiana das crianças pequenas, bem como qualificar as minhas reflexões sobre a Infância, o currículo em seu contexto e sua amplitude, onde o objeto de aprendizagem esteja entrelaçado com o cuidar e o educar, perpassando pelo afeto, pela segurança e pelas experiências autônomas.

Agora, finalizando mais esse percurso de minha formação, pretendo, ao relatar minha experiência na Casa Amarela, contribuir para pensar uma escola que acolha o universo das crianças (STACCIOLI, 2013), através das possibilidades de construção de um currículo narrativo, pois narrar as histórias vividas dos pequenos é registrar opiniões, desejos, linguagens e expressões, é evidenciar sobre as potencialidades do ser humano. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (DCNEI), o currículo é um:

[1] Conclui em 2016/2, o curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS.
[2] Iniciei o curso de Especialização em Educação Infantil na Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS.

> Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (2010, p.12).

Essa definição legal de currículo para a Educação Infantil aliada às concepções de um currículo narrativo legitima-nos a pensar as aprendizagens da vida cotidiana e a reconhecer as ações da ocasião, da oportunidade, pois, como afirma Hoyuelos (2007), o tempo das crianças não é o do relógio, mas o da potência dos momentos vivenciados.

Ancorada na concepção de infância, narro as minhas práticas cotidianas as quais constituem as relações e vivências entre crianças e adultos no espaço da Casa Amarela, cuja definição de contraturno, conforme o Projeto Político-Pedagógico (2012) da escola, "constitui-se num campo de significados, que ultrapassa os muros da escola. Logo, a organização do cotidiano deve estar articulada com as finalidades educativas, com a concepção de criança, de aprendizagem e com a realidade cultural e social dos sujeitos envolvidos, sem, contudo, perder os horizontes da Educação Infantil" (p.48). Nesse sentido, a proposta da Casa Amarela tem se constituído em um tempo no qual se oferece às crianças a possibilidade de viver coletivamente a ideia de currículo da Educação Infantil, expressa nas DCNEI em um espaço pouco "escolarizado", visto que suas características referentes tanto à arquitetura do local quanto à organização e disposição dos móveis e materiais se assemelham muito mais ao ambiente familiar do que escolar.

A escola é da rede Particular de São Leopoldo, que organiza a Educação Infantil por faixa etária. Decorrente da necessidade de alguns dos pais que seus filhos permanecessem em turno integral na escola, a mesma organizou-se para atender a demanda daquele grupo, assim, em 2010, foi inaugurado o espaço da Brinquedoteca.

A Brinquedoteca é uma casa de cor amarela muito acolhedora que possibilita a convivência entre as diferentes idades, em um ambiente repleto de natureza e espaços com folhagens, flores, horta, areia, brinquedos e diversos materiais, com os quais as crianças acrescentam vida e constroem memórias para esse lugar.

Imagens do acervo pessoal da Giulia Rodrigues
Desenhos de Lucca, 5a e 7m; Gustavo, 5a e 4m e Lívia, 5a e 8m.

Nesse espaço de convivência e muita brincadeira, reúnem-se adultos e crianças da faixa etária de dois a seis anos de idade, para viver encontros e experiências cheias de alegria, liberdade e interação. O contraturno tem como essência o brincar, respeitando a criança no seu tempo, nas descobertas e relações consigo mesma, com o outro e com o mundo. É um lugar onde a prática pedagógica tem como foco a definição de criança das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, ou seja, um

> Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (2010, p.12).

O brincar é a linguagem das crianças. Desde muito cedo, elas descobrem, imitam, constroem, pesquisam, experimentam e relacionam-se com as pessoas através do universo da brincadeira e do faz de conta. Para Rosset (2017), "é brincando que as crianças existem como crianças pertencentes a uma cultura, que mobilizam e ampliam as habilidades de se relacionar, se emocionar, se movimentar, se expressar e pensar" (p.17). Na Casa Amarela, compartilhamos relações de afeto, pois desenvolver a competência de se relacionar uns com os outros e estabelecer vínculos é uma experiência humana e essencial ao bem-estar das crianças. Conforme Sordi,

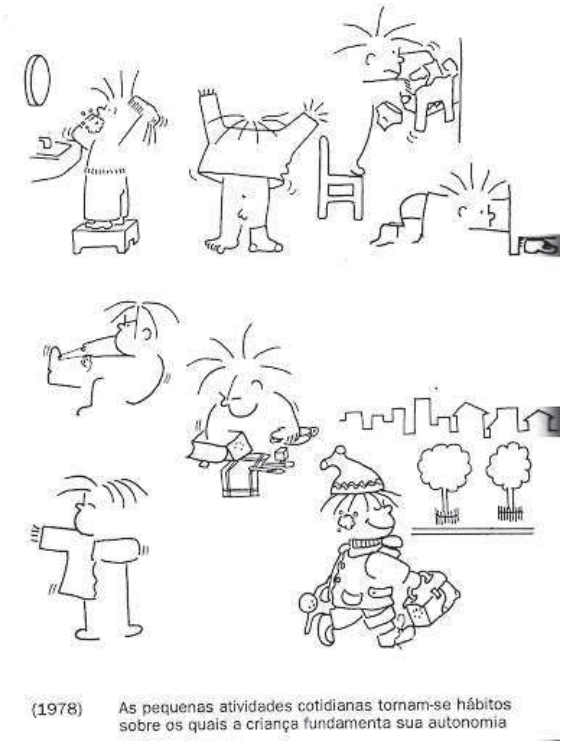
> Nós humanos não aprendemos a caminhar simplesmente porque temos pernas. Também não aprendemos a falar por pura imitação, nem porque tivemos a voz de um gravador que ficamos repetindo como papagaio. Nós caminhamos, falamos e aprendemos uma porção de coisas porque tivemos a sorte de ter pessoas que acreditaram em nós e, por acreditarem, criaram condições para que aprendêssemos e nos tornássemos humanos (SORDI, s/d, p.2).

Pelo viés da educação humanizada e compreendendo esse espaço como sendo das e para as crianças, ao qual vamos atribuindo significado com elas, respeitando seus tempos, escutando-as e valorizando as múltiplas linguagens do brincar, crianças, pais, funcionários e membros da escola, carinhosamente nomearam a Brinquedoteca de "Casa Amarela", pois é assim que as crianças referem-se a ela. É desse lugar agradável para trabalhar e viver que relato a vida das pessoas que ali compartilham

momentos de aprendizagens e encantamentos. Assim, inspiro-me na prática educativa que considera “quotidiano – aquilo que se faz todos os dias: aquilo que se faz habitualmente: rotina diária” (TERESA, 2005, p. 117), ou seja, a jornada diária das crianças na escola deve seguir um ritmo de respeito às construções progressivas da autonomia. Desse modo, a comunicação emocional e a segurança afetiva da criança é uma condição para formação do eu e do mundo. De acordo com a abordagem de Pikler-Loczy, a autonomia se dá

> Na regularização dos acontecimentos no tempo e a estabilidade das situações de cuidado e de atividade autônoma num ambiente preparado para provocar a atividade das crianças pequenininhas criam uma constância nas atitudes educativas e, assim, contribuem para favorecer a percepção da criança, dos cuidados diários que recebe e do seu entorno (MELLO, SINGULANI, 2014, p.889).

Portanto, todos os momentos de atenção pessoal, o despertar, as refeições, as rodas de conversa e as experiências coletivas e individuais vivenciadas nesse espaço têm como objetivo promover o bem-estar desse grupo.



Fonte: Hábitos e Autonomia - Francesco Tonucci (1978)

As aprendizagens cotidianas são aquelas do acontecimento, da observação, da relação com o outro, como uma prática social (Brougère 2012), e se constituem por via dos encontros, das atividades, observações, dificuldades e sucessos, um repertório de experiências e produção de significado.

É nessa dimensão que a jornada da Casa Amarela estrutura-se no turno da manhã, com uma professora e duas auxiliares e um grupo de 19 crianças de idade mista. Já, no turno da tarde, é composta por duas turmas, sendo o grupo com 16 crianças de 2 a 4 anos, compartilhando espaço com uma professora e uma auxiliar, e outro grupo com 15 crianças, de 5 e 6 anos, tendo a presença de outra professora e outra auxiliar.

Nesse contexto, compartilho o espaço com as crianças pequenas do turno da tarde, e com muita alegria vivencio um papel de adulto responsável, estabelecendo vínculos, desafiando e arriscando a construir novas histórias, respeitando o momento e o desenvolvimento singular das crianças, entre as brincadeiras, interações e relações com o eu e o outro. Uso as palavras de Horn (2017) o qual reafirma que o papel do professor é de organizar as oportunidades de apoio às experiências das crianças. Portanto, pensar o trabalho cotidiano com as crianças pequenas

> É deixar que o inusitado apareça, é poder deparar-se com o indeterminado sem medo, permitir-se ocupar espaços e intensificar afetos. Planejar é refletir com experiência, confrontando fatos, acontecimentos e nossas verdades com as teorias existentes, com a criança concreta com a qual nos deparamos todo o dia em toda a sua intensidade (REDIN, 2013, p. 26).

É no exercício diário com as crianças da Educação Infantil que busco garantir as experiências e as vivências que possibilitem os princípios propostos nas DCNEI (2010, p.16):

> Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
>
> Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
>
> Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Desse modo, documentar as grandezas do cotidiano da Casa Amarela, as vivências, o convívio em grupo, os diálogos, as brincadeiras, descobertas e experiências é, para Staccioli (2013), compartilhar que a vida cotidiana nunca é repetitiva. “Ela é feita de segmentações, ritmos, repetições, mas são como as ondas do mar, pois se quebram sempre de maneira diferente” (p.43).

Nesse sentido, a Educação Infantil, como a primeira etapa da Educação Básica, é, sem dúvida, a mais complexa e primordial para o desenvolvimento pleno do ser humano. Ao pensar nas práticas cotidianas, nas experiências vividas, nos saberes e conhecimentos articulados ao contexto social e cultural da criança, penso em um currículo que é vivenciado nas práticas do cotidiano, já que as crianças estão, desde muito cedo, inseridas no espaço escolar, tendo desejos e necessidades que precisam ser observados, pensados e refletidos.

No Diário do acolhimento na escola da infância, Barbosa, ao escrever o prefácio, propõe “Uma escola que respeite os direitos das crianças e, consequentemente, das famílias e dos professores e das professoras, oferecendo a todas as crianças possibilidades de viver, aprender, conviver e, ao mesmo tempo, singularizar-se” (BARBOSA, 2013).

No livro Ao Redor da Mesa Grande, a prática educativa de Ana compõe a pedagogia que é feita das coisas do quotidiano, de pequenas coisas. Os grandes milagres da pedagogia ocorrem para que se resolvam os pequenos problemas da educação concreta, situada, autêntica. O modo como Ana organiza o seu cotidiano e entrelaça o seu trabalho como sua segunda casa, em um lar onde se sente bem, relaxada, estimulada e pertencente a esse lugar. É desse pertencimento que relaciono a minha prática educativa na Casa Amarela.

Inspirada nessa pedagogia que narra, observa, escuta, registra, contempla e respeita, apresento as experiências das crianças e dos adultos nesse espaço de convivência, fazendo conexão com o documento dos Direitos de Aprendizagens, descritos

na Base Nacional Comum Curricular. Essas experiências do cotidiano dos meninos e das meninas da Casa Amarela são frutos de observação, diálogo e avaliação entre o grupo de professoras e coordenação pedagógica. Desse modo, Fochi (2015) destaca:

> A escola enquanto um conjunto de contextos de vida coletiva é compreendido aqui como um lugar da vida, tecido por vários fios juntos e em conjunto, tramados e constituídos pela ação do eu com o outro e do outro, que supõe estar em contínuo exercício de construção. Enquanto, nesse contínuo, juntos colhem e acolhem aprendizagens e descobertas sobre si, sobre os outros e sobre o mundo (FOCHI, 2015, p. 35).

Para acompanhar esses percursos das crianças na Casa Amarela, elencaram-se os registros fotográficos e relatos das crianças como um meio de documentar e refletir as aprendizagens e a minha prática pedagógica, para, assim, qualificar o espaço, o brincar e a participação das crianças.

É nesse exercício sútil de pesquisa, interpretação e relação humana que narro os registros para “comunicar as experiências vividas pelas crianças no cotidiano das escolas, sendo uma forma de dar valor às aprendizagens da vida cotidiana” (FOCHI, 2015, p.53). Partindo dos Direitos de Aprendizagens, apresentados no documento da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), e das brincadeiras e interações, norteadoras do currículo das Diretrizes Nacionais para Educação Infantil, que busco constantemente na prática pedagógica qualificar a jornada e as brincadeiras das crianças.

Na segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, é descrita a garantia na Educação Infantil dos direitos e da aprendizagem dos meninos e das meninas, fundamentados na concepção de crianças como cidadãos de direitos, como sujeitos ativos, criativos, competentes e com sabores. Os direitos de aprendizagem das crianças derivam dos eixos das interações (conviver e participar), da brincadeira (brincar, explorar) e da construção identitária (conhecer-se e expressar) (2017, p.62).

Nesse sentido, a minha escrita no relato de experiência tem como eixo de análise os seis direitos de aprendizagens, apresentados na última versão da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017):

• Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas;

• Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais;

• Participar, ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador, quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando;

• Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia;

• Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, seus sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens;

• Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Encantada com a riqueza do poema de Aldo Fortunati, o qual sintetiza as experiências, as linguagens e a criança como ser integral, que inicio a escrita das vivências na Casa Amarela articuladas aos direitos de aprendizagens das crianças.

Por uma ideia de criança...

Por uma ideia de criança rica,
na encruzilhada do possível,
que está presente
e que transforma o presente em futuro.

Por uma ideia de criança ativa,
guiada, na experiência,
por uma extraordinária espécie de curiosidade
que se veste de desejo e de prazer.

Por uma ideia de criança forte,
que rejeita que sua identidade seja
confundida com a do adulto, mas que a oferece
a ele nas brincadeiras de cooperação.
Por uma ideia de criança sociável,
capaz de se encontrar e se confrontar
com outras crianças
para construir novos pontos de vista e conhecimentos.

Por uma ideia de criança competente,
artesã da própria experiência
e do próprio saber
perto e com o adulto.

Por uma ideia de criança curiosa,
que aprende a conhecer e a entender
não porque renuncie, mas porque nunca deixa
de se abrir ao senso do espanto e da maravilha.

ENTÃO O QUE FAZEMOS NA CASA AMARELA[3]?

Aqui a gente faz tudo, eu amo vim na Casa Amarela. (Bernardo, 3a e 5m)

Aqui tem pessoas grandes, crianças pequenas e crianças grandes e não tem bebê! (Augusto, 3a e 6m)

[3] Todas as imagens deste relato de experiências são do acervo pessoal da autora.

O PIQUENIQUE...

- Prof.ª Fran, vamos fazer o nosso lanche no pátio?

- Claro, podemos lanchar aqui. Vou conversar com a Gi.

- Isso, prof.ª, aproveitar o dia bonito de sol...

Em uma tarde de sol, o pátio tornou-se o grande convite para as brincadeiras. Eduardo, um menino de 4a e 7m, expressa à professora o desejo de lanchar no pátio, para aproveitar o dia bonito de sol. Inspirados na vontade do Dudu, compartilhamos a ideia com todas as crianças do grupo. Entre olhares curiosos e entusiasmados, as crianças começaram a **organizar e participar do piquenique**[4]**.**

Cecília muito empolgada comunica aos seus amigos: - A **gente** precisa da ajuda de todo mundo pra organizar as coisas. Sua amiga Lívia logo começou pela mesa, realizando o movimento de empilhar os pneus. Em seguida, lancei a ideia de colocarmos o suporte redondo de madeira, para servir como base para nossa mesa. Ao redor, organizamos os troncos como bancos e, aos poucos, buscamos os utensílios e as frutas na cozinha com a tia Gi.

Dudu, ao desfrutar da fruta, com olhos encantados e um sorriso no rosto, expressa: - **Prof.ª,** eu amei esse lanche especial. - É Dudu, você está feliz? – Sim, prof.ª, porque aqui a gente tem uma toalha de piquenique e lá em casa não tem, por isso que aqui a gente faz lanche especial. Eu amei esse lanche com toalha neste dia de sol.

O ato de preparar a mesa para a refeição exige ações de **compartilhar**, **expressar**, **participar** e **conviver** com os amigos. Essas vivências cotidianas implicam em organizar e distribuir funções entre os pares, como buscar a fruta, organizar os copos, distribuir guardanapo, ofertar garfo e conviver feliz nesse momento simbólico e especial.

Pensar nesse contexto de aprendizagem e dar importância para as refeições é um ato educativo e sensível para as crianças e os adultos. Transformar essas ações de conviver socialmente em grupo e tornar esse encontro acolhedor “é responsabilidade

[4] Ao decorrer do texto, tem palavras em negrito, as quais são vivências contempladas no cotidiano da Casa Amarela, ações que respeitam os direitos de aprendizagens, apresentados na BNCC.

dos adultos, criando contextos educativos, interessantes, em que o encontro com as situações e os objetos não aconteça de maneira banal ou sem curiosidade" (CAVALLINI, TEDESCHI, 2015, p.30).

A **convivência** na Casa Amarela é uma narrativa potente, que acolhe os desejos, anseios e as diferenças entre as pessoas. É na sintonia do grupo, na interação, escuta e no olhar que compartilhamos bons momentos juntos. As relações que estabelecemos nesse espaço tornam o ambiente confortável, seguro e prazeroso de conviver. A partir do **conhecer o outro** e do respeito entre as relações que estabelecemos as experiências de vida.

> [...] a infância deixa marcas, permanece e habita os seres humanos ao longo de toda a vida, como uma intensidade, uma presença, um jeito de ser e estar no mundo. Como uma reserva de sonhos, de descobertas, de tristezas, de encanto e entusiasmos (BARBOSA, 2009, p.32).

As experiências em grandes e pequenos grupos partem do exercício de brincadeira, interação e afinidade entre as crianças e o espaço natural que os cercam. O cuidado é uma ação cultivada entre as crianças. Eles cuidam do espaço físico, que proporciona bem-estar e muitas possibilidades de aprendizagens, descobertas e novos modos de brincar. Vivências como essas são fundamentais para que

a criança se familiarize com a atuação dos vários elementos, eles estão fora e dentro de nós; a criança pode moldar seu corpo por meio deles, conforme sua própria intenção (LAMEIRÃO, 2007, p.51).

Ao brincar no pátio, as crianças **observam o colorido das flores, os cheiros e sabores da horta, e o gostinho do pé de ameixa, que pode ser um ingrediente no faz-de-conta da comidinha.** O espaço do contraturno proporciona às crianças o contato com a natureza, oferecendo muitas possibilidades de estar e transformar. O ar puro, a água, a terra e o calor são experiências essenciais para descoberta do eu e das coisas ao nosso redor. O sol entrando pela janela durante os lanches aquece as relações com o outro; o cheirinho que vem da cozinha constitui os sabores de infância e os encontros no pátio com **rodas de chimarrão** ao redor da fogueira aquecem o ser.

A partir de algumas brincadeiras de buscar galhos no jardim, regar as flores e brincar na terra, cada criança, em seu tempo, vai criando intimidade, sensações e sentimentos de prazer com os elementos da natureza. Respeitando esse tempo e esse convívio coletivo, os meninos e as meninas da Casa Amarela cuidam da natureza e vivem experiências ao ar livre, percebendo, questionando e criando hipóteses sobre os elementos que nos cercam.

> A disponibilidade de um tempo capaz de permitir às crianças iniciarem, darem continuidade e concluírem seus projetos é fator decisivo no entendimento de uma criança protagonista, na medida em que lhe possibilita fazer escolhas de acordo com seu interesse, refletir sobre os materiais escolhidos, manipulá-los elaborando conceitos, para construir toda sequência de ações, do início ao fim (HORN, 2017, p. 31).

É nesse lugar, cercado de vida, com tempo e espaço para uma convivência amistosa, solidária e saudável, que as crianças pesquisam, dialogam, filosofam e inventam o faz-de-conta, repleto de fantasias e imaginação, construindo ao brincar novos enredos do seu próprio mundo.

“SABIA QUE É UMA IDEIA BOA BRINCAR COM TINTA!”

Em uma tarde ensolarada de inverno, Augusto, 3a e 6m, expressa que é uma ideia boa brincar com tinta. Ele brinca com a intensidade dos movimentos, simbolizando sons e deixando marcas ao dirigir o carrinho na tinta.

Nas propostas organizadas para brincar com tinta, massinha de modelar, argila e melecas, muitas crianças permanecem por um tempo prolongado misturando, explorando, conhecendo e expressando suas ações.

Todos sabem que uma criança saudável é uma criança que se diverte, que se ocupa com qualquer coisa e explora tudo quanto está ao seu alcance (DOLTO, 2007, p. 109).

A intimidade e a expressão de sentimentos ao brincar com tinta contam através dos registros fotográficos, o desejo, interesse e prazer da criança em vivenciar essas experiências.

O olhar concentrado determina a intensidade das ações e do processo de criação de cada criança. **Brincar** com tinta, carrinho e diferentes níveis de rampas possibilita experiências, descobertas, sensações, concentração e um tempo regido pelo encanto do brincar.

O brincar na escola é livre e também exploratório. A criança pode aprender sobre situações, pessoas, atitudes e ter contato com materiais, propriedades, texturas, atributos visuais, auditivos e sinestésicos. Entretanto, o brincar dirigido também

possibilita a aprendizagem, a compreensão e a ressignificação do olhar da criança (MELO, 2015, p.60).

Os convites na Casa Amarela são oportunizados conforme o interesse, investigação, participação e as narrativas das crianças. As brincadeiras de modelar, fazer comidinha, pintar e conviver são processos cuidadosamente pensados para o grupo. O pátio é um espaço repleto de vida, que instiga a interação e participação nas brincadeiras cotidianas.

Preparar bem os ambientes, os tempos, os materiais, os móveis e os objetos. Quanto mais forem pensados em função das atividades e da autonomia das crianças, mais fazem surgir situações interessantes, relações que permitem que as crianças se sintam bem, contextos que possibilitem ao adulto perceber a riqueza da vida infantil e também seus efeitos na construção do conhecimento (STACCIOLI, 2013, p.34).

Victor, 3a e 8m, é um menino que **investiga** os materiais. Seu olhar atento permite ações repletas de sentimentos, sua força, ao carimbar a argila, singulariza sua experiência com o material. “Brincar é uma atividade espontânea, e brincando a criança aprende o que ninguém lhe pode ensinar: nem a mãe, nem o pai, tampouco o professor" (LAMEIRÃO, 2007, p.23).

As crianças são agentes ativos, capazes de construir, arriscar, testar, pesquisar, sentir e criar outras possibilidades, pois, quando brincam, sempre aprendem sobre sua **cultura** e seus costumes e deixam indicadores de curiosidade e interesse, possibilitando pensar nos campos de conhecimento

e no seu desenvolvimento integral.

O brincar é a atividade inerente à criança e exige uma organização para que aconteça. Nesse sentido, Lameirão (2007, p. 25) apresenta “as três condições básicas para que entremos em atividade, sendo elas: o espaço, o tempo e a vida das relações”.

O tempo para brincar é primordial na Casa Amarela. As crianças brincam nos espaços da casa e no pátio, com autonomia de escolha conforme seus interesses. A caixa de areia é um espaço que atrai as crianças. Muitas brincam de construir castelos, fazer buracos e peneirar a areia. Disponibilizar **água para brincar e ver o que acontece é uma brincadeira divertida,** segundo Bernardo, 3 anos. Com satisfação no olhar e um sorriso no rosto, o **prazer** de sentir a textura do barro entre os dedos potencializa o protagonismo do menino, sua pesquisa é fundamental para construir suas descobertas e aprendizagens.

Planejar e observar os contextos, o tempo e os ritmos de desenvolvimento das crianças é papel do professor,

Permitir às crianças iniciarem, darem continuidade e concluírem seus projetos é fator decisivo no entendimento de uma criança protagonista, na medida em que lhe possibilita fazer escolhas, de acordo com seu interesse, refletir sobre os materiais

escolhidos, manipulá-los elaborando conceitos, para construir toda sequência de ações, do início ao fim (HORN, 2017, p.31).

Nesse processo do brincar, é importante salientar que as crianças vão construindo enredos de brincadeiras, simbolizando a vida real e o mundo imaginário, ampliando o repertório do faz-de-conta, e potencializando o brincar criativo. Horn (2017) potencializa que “despertar nas crianças o amor e a paixão pela vida ao ar livre e por viver a magia que isso representa é a chave de toda aprendizagem” (HADDAD; HORN, 2011)

Portanto, o brincar é cotidiano, são percursos das ações das crianças, são experiências que têm uma continuidade e diversidade de significados e expressões.

A FLEXIBILIDADE DO COTIDIANO

- Prof.ª Fran, a gente pode ir ao pátio do gramado?

- Hoje vamos brincar no pátio da Casa Amarela.

- Mas, prof.ª, a gente quer subir na árvore... Por favor, ajuda?

- Tá bom, mudamos os planos, vamos brincar no pátio do gramado.

Na medida em que as **crianças acordam**, são acolhidas com abraço e uma saudação de boa tarde. Aos poucos, vamos conversando e combinando as vivências que teremos durante a tarde. Nesses processos de convivência, acolhimento, escuta e pertencimento ao grupo, vamos revivendo uma rotina que respeita as particularidades de cada um.

Logo no início da tarde, as crianças são **convidadas** a participar da rodinha. Nesse momento, colocamos na "casinha amarela" as crianças presentes no dia. Esse movimento de confeccionar uma chamadinha foi um ato observado, onde, olhando as fotos na mochila, **comunicavam** quem estava faltando. Às vezes, na rodinha, cantamos músicas ou escutamos histórias.

Geralmente, após a roda, vamos brincar no pátio. A escola tem uma estrutura natural muito linda e as crianças podem compartilhar desses ambientes. Na maioria das vezes, faço convites às crianças brincarem no pátio dos cavalinhos, dos bebês, no pátio grande, no pátio da casa amarela, na pata do dinossauro ou no gramado. Ao lançar a ideia de um dos pátios, **escuto** se a maioria das crianças aceita e vamos até o contexto.

A impressão que tinha é de que eles **sentiam saudades do pátio dos bebês**, pois há um ano aquele era o espaço de aconchego e brincadeiras. Com o passar dos meses, começaram a demonstrar interesse pelos demais pátios, principalmente pelo gramado. É nesse cenário, entrelaçadas na brincadeira de subir e descer o morro, de escorregar na grama, subir, sentar, equilibrar e depois pular da árvore que acontecem as vivências mais apreciadas pelas crianças.

> Enquanto a criança faz por si, ela está no caminho da autonomia. Daí a importância de não forçar nenhum movimento. A criança precisa conquistar por si, sentir que é dona de seu próprio corpo e é capaz de dominá-lo, levando sua vontade própria à concretude por meio dele. Nós nos tornamos o que vivenciamos (RIBEIRO, 2017, p.50).

Nesse pátio repleto de vida e encanto, compartilhamos brincadeiras, conversas e uma roda de chimarrão, onde algumas crianças demonstram mais preferência do que outras. **Tomar chimarrão** é um convite durante a tarde. Eu trago o chimarrão e a térmica e começamos a nossa roda. Leonardo, um menino de 4 anos, em um dia de passeio pela escola, disse: - **Prof.ª, em casa**

o dia de tomar chimarrão é só no domingo e na Casa Amarela é quase todo dia, e aqui a gente pode aproveitar os bancos do pátio para tomar um chimarrão também.

Ouvir as crianças é uma tarefa sútil e sensível; organizar espaços e enredos participativos é desafiante. Na Casa Amarela, levamos em conta o desejo e o interesse das crianças, que revelam o encanto de compartilhar a vida em grupo.

É nessa realidade que as crianças participam das brincadeiras, dos movimentos e espaços organizados para o seu bem-estar,

> A participação ativa dos meninos e das meninas na educação que lhes concerne e, concretamente, na escola, não pode ser reduzida a uma formalidade decorativa, a um exercício simbólico, a um recurso didático que, no entanto, carece de peso político, social e, por fim, de incidência real na vida institucional (CUSSIÁNOVICH; MÁRQUEZ, 2002, p.75, apud VASCONCELOS, 2018, p.27).

Brincar no pátio é um movimento participativo e muito criativo entre as crianças. O pátio é amplo e com muitas possibilidades de brincar. Algumas crianças escolhem a caixa de areia; outras brincam nos carrinhos e também tem as que preferem os pneus para montar passadouros e outras se organizam no centro do pátio, trazendo os móveis da casinha para brincar de comidinha em família. “As brincadeiras podem ser escolhidas pelas crianças, de acordo com o que encontram no espaço da escola, da forma como ele está organizado” (MELO, 2015, p.124).

Durante o brincar, as crianças são protagonistas de suas histórias, criam contextos e distribuem funções entre os pares. No centro do pátio, têm cozinha, mamães, papais e vovô. Todos inventando cardápios gostosos para as visitas experimentarem.

Acredito que o protagonismo infantil é um conjunto compartilhado entre a criança, o adulto, tempo e espaço. Partindo dessa concepção, é fundamental

> A disponibilidade de um tempo capaz de permitir às crianças iniciarem, darem continuidade e concluírem seus projetos é fator decisivo no entendimento de uma criança protagonista, na medida em que lhe possibilita fazer escolhas de acordo com seu interesse, refletir sobre os materiais escolhidos, manipulá-los, elaborando conceitos, para construir toda a sequência de ações, do início ao fim (HORN, 2017, p.31).

As crianças pequenas estão envolvidas nos espaços da Casa Amarela, principalmente no segundo piso da casa, onde estão organizados o escritório, a casinha, os livros, o hospital e os materiais de construção. No espaço, brincam ativamente, participando, decidindo e opinando junto ao grupo.

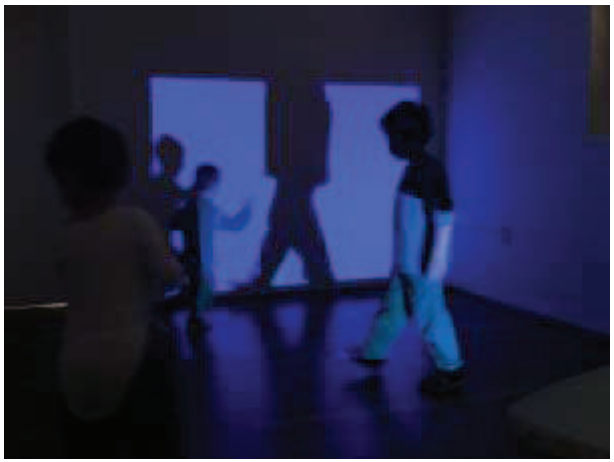
O brincar simbólico é uma transição da vida real. Lili, de 3a e 4m, **dirige-se ao telefone e faz uma ligação** para o médico dos cachorros. Ela diz: -Oi, médico de cachorro. Eu to com problema, meu cachorro tem bolas no corpo. Ele precisa de um pic-pic. Tchau.

Segundo Ribeiro (2017), a imitação é uma capacidade de aprendizagem, um princípio pedagógico inerente à natureza do ser humano e especialmente presente na criança pequena, como sua forma primordial de se educar e crescer (p.43).

SERÁ QUE EU SOU UM GIGANTE?

Leonardo, 4 a e 8m.

Em dias de chuva, a sala torna-se o grande espaço de brincadeiras. Leonardo explora seu corpo em uma sessão organizada de luz e sombra. Ao observar o movimento dos amigos, aos poucos, aproxima-se da parede e admira o tamanho de sua sombra, fica parado por alguns segundos, até que dois amigos começam a pegar a sombra de sua mão. Logo, fica incomodado e diz: **- Profª, eles estão pegando a minha mão!** Movimentando seu corpo, inclina-se e percebe que sua sombra só cabe na parede, encurvando-se e, com um suspiro, fala: **- será que sou um gigante?!** O menino Leonardo demonstra estar confuso com a sua sombra e resolve caminhar até a parede e lá permaneceu sentado até o fim da sessão.



O convite projetado na parede de uma sala grande e escura instiga a criança a elaborar outras formas de brincar, planejar outros cenários com materiais não estruturados. Dessa forma, levam-na a descobrir, na projeção ampliada, a sombra das arquiteturas construídas.

Pensar as diversas dimensões da linguagem é proporcionar às crianças espaços com formas, texturas, cores e transformações. As ações com as crianças na Casa Amarela consistem na exploração do corpo com o mundo. O olhar e a **expressão** de cada um contam um pouco de como vivenciamos essas sensações curiosas de prazer ao brincar.

A brincadeira, o entusiasmo, a **parceria** e as relações fazem parte das explorações e das descobertas das crianças. O brincar é um convite à alegria e a possibilidade de estar presente de corpo e alma. “A criatividade é uma parte da brincadeira” (HOLM, 2007).

Explorar e conhecer-se são ações que as crianças curiosamente vivenciam muito bem. Brincar de mover, equilibrar, pular, criar, comunicar e cuidar uns dos outros são movimentos cotidianos das nossas tardes na escola.

Os meninos Bernardo, 3a e 4m, e Eduardo, 4a e 7m, conectam-se ao carrinho que está no pátio. Lá, surge uma brincadeira muito divertida: **brincar** de empurrar o amigo com muita força nos braços e velocidade nas pernas.

Bernardo é menor que o amigo Eduardo, mas isso não importa. Dudu ajuda no impulso com as pernas e os dois juntos **expressam** a alegria de compartilhar do mesmo brinquedo, encontrado no pátio.

No brincar, as crianças investigam o espaço e **organizam coletivamente** passadouros e obstáculos para desafiarem-se. As construções das crianças partem do exercício de colaboração entre si. O importante é **participar** e ver o que acontece.

Há uma infinidade de exploração das crianças com os materiais dentro e fora da casa, com tempo para dar continuidade às suas construções. O adulto coloca-se a disposição para compartilhar das brincadeiras, as crianças circulam com liberdade pelo pátio. Quem quiser é só se aproximar e escutar histórias, e juntos imaginar novos modos de recontar as coisas que nos cercam. **Acolher** as crianças é dar oportunidade de participação e de diálogo, dando ouvidos aos seus desejos e às suas necessidades.

As narrativas das crianças expressam descobertas, medos, alegrias, expressões e entre tantas outras linguagens. Nesse repertório coletivo, dialogam e demonstram suas **preferências** e seus sentimentos, tal como a **saudade** palavra que remete às experiências de amor já vivenciadas.

A turma dos pequenos tem um carinho especial pela professora Bia. Ela conviveu conosco na Brinquedoteca durante dois anos e juntas trilhamos um caminho de companheirismo e amizade. No meio do ano, ela precisou despedir-se da turma, pois foi chamada em um concurso público. Com muita sutileza e amor, contou às crianças a história “A menina e o pássaro encantado”, de Ruben Alves. Após a contação, combinou com o grupo que voltaria para visitá-las e que sentiria muita saudade.

Todos os dias na rodinha as crianças **perguntavam** por ela, faziam desenhos e, às vezes, gravávamos áudio para profª Bia e ela também nos retornava com vídeos. Já foi nos visitar duas vezes. Outra lembrança importante foi o combinado entre ela e as crianças: dezembro, em seu aniversário, trará um bolo de chocolate para comemorar conosco o seu dia especial.

Viver em grupo é compartilhar memórias inesquecíveis, é expressar diariamente no olhar, no toque e nas palavras ações de carinho.

SONHOS COMPARTILHADOS...

Rodas de conversa é lugar de assunto sério!

Prof.ª, hoje eu sonhei, mas não gostei... Tinha um ladrão e ele me mordeu.

Lili, 3a e 4m

O diálogo é uma maneira de respeito e atenção às crianças. Percebemos que, ao acordar as crianças do soninho, algumas já começavam a contar os seus sonhos. E, então, iniciamos rodas de escuta, em uma roda com chimarrão e tempo.

Em uma das rodas, as crianças compartilharam e imaginaram os sonhos que tiveram:

- Hoje eu tive um pesadelo, é ruim. Chorei! (Augusto, 3a e 6m)

- Sonhei com a bruxa, era boazinha. (Cecília, 4a e 6m)

- Sonhei com o zumbi, cobra que faz barulho assim xiiixiii. (Bernardo, 3a e 7m)

- Eu sonhei que eu era uma boneca. (Lívia, 4a e 5m)

- Tinha um urso que fica brabo. (Eduardo, 3a e 3m)

Conhecer as crianças faz parte de pertencimento ao grupo. É compartilhando diariamente a experiência da escuta, a capacidade de comunicar e dialogar das coisas do mundo que conhecemos o contexto social, familiar e cultural. Apoiando-me nas palavras de “Ana educando com tudo o que é”, trago a importância de cotidianamente “alimentar a memória do grupo é como guardar um tesouro. Um tesouro é algo valioso, apreciado e, portanto, tratado com respeito, zelo e cuidado”. (TERESA, 2005, p.226)

Na Casa Amarela, aprendemos uns com os outros. A relação e o encontro entre a escola e a família são entrelaçados nas ações das crianças e, para isso, utilizamos o recurso tecnológico da página do Facebook da escola para evidenciar as práticas com as crianças do contraturno. Outro meio de comunicação que empregamos, durante este ano, são as cartas mensais aos pais, contando um pouco das vivências e histórias na escola, das aprendizagens, descobertas e brincadeiras. O correio da Casa

Amarela é uma ferramenta de comunicação e documentação entre as práticas pedagógicas e as famílias. Uma vez por mês escrevemos cartas aos pais sobre o cotidiano das crianças na casa, suas descobertas, brincadeiras e participações no processo de ensino-aprendizagem. No portão de entrada da casa, fica o nosso correio com as cartas destinadas para cada família e, no decorrer da semana, uma mesa com folhas e canetas para as famílias que desejam compartilhar com a escola as vivências compartilhadas na carta. Assim, aos poucos, vamos conhecendo e trocando conhecimentos cheios de vida.

Acredito que este seja o caminho: desacelerar as práticas rotineiras, possibilitar novas possibilidades e escolhas e, principalmente, garantir o direito e o tempo para a brincadeira, em uma escola acolhedora e de qualidade. De acordo com Fabrés (2011), o bem-estar da criança depende, em grande medida, da maneira como o adulto lhe toca e lhe pega. Em dar-lhe tempo, respeitando-a, oferecendo o tempo que ela necessita para participar, responder e atuar (p.61).

A minha prática, na Casa Amarela, vem sendo construída no ritmo atribuído pelas crianças, com olhar sensível para o cotidiano e às aprendizagens, à formação continuada. O curso de Especialização em Educação Infantil potencializou as reflexões e visões das narrativas cotidianas no espaço do contraturno da Educação Infantil.

Esse relato de experiência é um exercício contínuo de observação, registro e reflexão prática e inspirou-se nos processos de dar visibilidade à documentação como argumentação das ações da vida cotidiana; baseia-se nos registros vivenciados na

Educação Infantil, valorizando o espaço do contraturno, com experiências agradáveis, prazerosas e, principalmente, garantindo direitos das crianças.

> Fazer uma escola acolhedora (ativa, imaginativa, onde você pode viver, documentável e comunicável, local de investigação, de aprendizagem, de reconhecimento e de reflexão), onde crianças, professores e famílias estejam bem, é o nosso objetivo" (MALAGUZZI, apud MELLO, BARBOSA, FARIA, 2017, p, 99).

Concluo que este deveria ser o grande objetivo de todas as escolas de Educação Infantil: ser e viver um espaço que acolha, envolva e construa junto com a comunidade escolar aprendizagens da vida. Acredito que a Casa Amarela esteja no caminho, respeitando o tempo da criança, dialogando e potencializando encontros de brincadeiras. É com essa busca de aprendizagem cotidiana que compartilho a pesquisa, o estudo e a vida na escola com professoras qualificadas e apaixonadas pela profissão de cuidar e educar. Durante a escrita deste trabalho, compartilhei o acervo pessoal de desenhos coletados pela professora auxiliar, Giulia Rodrigues, a qual, durante o estágio obrigatório do curso de graduação em Pedagogia, realizou uma linda investigação com as crianças sobre o espaço da Casa Amarela.

Por fim, acredito que um currículo construído através dos direitos de aprendizagens garante às crianças não só o contato com o patrimônio da humanidade, como também viabiliza que elas pensem, inventem e narrem os seus modos de ser, estar e compreender o mundo que as cerca. Todas as histórias narradas são experiências vividas com as crianças na Casa Amarela, onde os direitos de aprendizagens estão envolvidos na **brincadeira**, na **participação** e escolha das crianças, no respeito pelo **convívio** saudável e prazeroso, pela liberdade de **expressão**, na intensidade e no desejo das **explorações** e no cuidado de **conhecer** e zelar a vida cotidiana na escola de Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Prefácio 0 à edição brasileira. In: STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância.** Campinas, SP: Autores: Associados, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC. SEB, 2010.

BROUGÈRE, Gilles, ULMANN, Anne Lise. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, SP. Autores Associados, 2012.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Tradução de Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAVALLINI, Ilaria, TEDESCHI, Maddalena. **As linguagens da comida: receitas, experiências, pensamentos**. Adaptação Marília Dourado, Cristiane Mara Cedra Picerni; tradução Thais Helena Bonini. 1ª ed. São Paulo: Phorte, 2015. P. 116.

CENTRO DE ENSINO MÉDIO SINODAL. **Projeto Político-Pedagógico: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio Educação Profissional**. São Leopoldo, fevereiro de 2012. P.04 a 80.

DOLTO, Françoise. **As etapas decisivas da infância.** Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão: revisão técnica Claudia Berliner.- 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FABRÉS, Montserrat. In- fân-cia latino-americana reflexões pedagógicas. No dia a dia, nada é banal, nada é rotina. **Revista Digital da Associação de Professores Rosa Sensat.** Abri de 2011, Volume 1. P.56 a 62.

FOCHI, Paulo Sérgio. Atravessamentos: Ensino-Aprendizagem de Arte, Formação do Professor e Educação Infantil. **A complexa sutileza da ação pedagógica com bebês**. Janeiro, 2015. P.48 a 54.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?**: comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. 50ª ed. Rio de Janeiro, 2015.

HOLM, Anna Marie. **BABY-ART Os primeiros passos com a arte.** Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

HORN, Maria da Graça, Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**/ Maria da Graça Souza Horn. Porto Alegre: Penso, 2017.

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc acessado em 26/07/2018.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança brincando!: quem a educa?/** Luiza Helena Tannuri Lameirão. São Paulo: João de Barro Editora, 2007.

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA; Maria Carmem Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Documentação pedagógica: teoria e prática.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, 131p.

MELLO, Suely Amaral; SINGULANI, Renata Aparecida Dezo; **A abordagem Pikler-Loczy e a perspectiva histórico-cultural: a criança pequenininha como sujeito nas relações**. Florianópolis, Perspectiva, 2014, p. 879-900.

MELO, Rozana Machado Bandeira de. **É brincando que se aprende: a experiência da te-arte na Educação Infantil**/ Rozana Machado Bandeira de Melo. 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2015. P.215.

REDIN, Marita Martins. **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil.** Marita Martins Redin. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

RIBEIRO, Liandra. **Passadouros.** Aprendizagens sobre as passagens e as paisagens da primeira infância. Casa Amarela/Florianópolis. 2017.

ROSSET, Joyce Menasce. **Educação Infantil: um mundo de janelas abertas**/ Joyce Menasce Rosset, Maria Angela Rizzi, Maria Helena Webster. 1.ed. Porto Alegre. RS: Edelbra, 2017.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SORDI, Regina Orgler. **Fortalecendo vínculos**. Regina Orgler Sordi.

TERESA, Maria Sena. **A prática educativa de Ana.** Coleção Infância, Portugal, 2005.

TONUCCI, Francesco. **Hábitos e Autonomia**, 1978. Acessado em https://themaeducando.files.wordpress.com/2012/09/tonucci_00062.jpg

VASCONCELOS, Queila Almeida. **A participação das crianças e a ação pedagógica como elementos para composição do protagonismo infantil na escola. Projeto de Tese/** PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre, 2018.

APÊNDICE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Especialização em Educação Infantil

Aos pais e responsáveis

Estou realizando minha pesquisa de conclusão de curso de Especialização em Educação Infantil, este estudo abrange as vivências e narrativas das crianças na Casa Amarela. A escrita tem como eixo de análise os seis direitos de aprendizagens, apresentada na Base Nacional Comum Curricular, (BRASIL, 2017), sendo de conviver, brincar, expressar, explorar, participar e conhecer-se. Os dados do trabalho serão registrados através da escrita das observações, da captura de imagens fotográficas e de diálogos registrados durante as brincadeiras das crianças. O material coletado será utilizado para fins exclusivo do trabalho acadêmico como: publicação e divulgação científica na Universidade. As pesquisadoras responsáveis por este projeto de estudo são a professora Franciele De Meneghi Marques e a orientadora deste projeto Queila Almeida Vasconcelos, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS.

Eu, _____, autorizo que a criança _____, pela qual sou responsável, participe da pesquisa sobre as vivências na Casa Amarela, coordenada pela professora Franciele De Meneghi Marques e orientadora Queila Almeida Vasconcelos. A participação de meu/minha filho (a) é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum retorno financeiro, dano ou despesa. Autorizo a divulgação de todos os dados coletados para fins de pesquisa.

São Leopoldo, ____de_____de 2018.

Assinatura do responsável:_____ Assinatura da pesquisadora:_____